

OPERAÇÃO AJURICABA 2

Militares simulam conflito na região

EXÉRCITO BRASILEIRO, COM AJUDA DA FAB, FARÁ EXERCÍCIO PARA PREPARAR O EFETIVO PARA UMA EVENTUAL INVASÃO DO TERRITÓRIO

O Comando Militar da Amazônia (CMA) realiza amanhã o embarque fluvial dos três mil homens previstos para participar da Operação de adestramento Ajuricaba 2, que começou no dia 22 de outubro. O embarque faz parte da última fase da operação que visa treinar homens, em uma estratégia de resistência, contra uma possível invasão de países com o poder tecnológico superior ao nacional. Os homens deverão ser divididos em duas equipes – vermelha e azul – e percorrer uma extensa faixa de terras de 600 mil quilômetros quadrados, tamanho aproximado do Estado de Minas Gerais, que engloba o Norte do Amazonas e do Pará e o Sul de Roraima e Amapá. A Força Aérea Brasileira deverá colaborar com a operação cedendo o avião C-130 (Hércules) no lançamento de pára-quadrista.

De acordo com o comandante do CMA, general Cláudio Barbosa de Figueiredo, o treinamento é a continuação da operação de mesmo nome realizada no ano passado e nada tem a ver com o medo de invasões das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc).

Além dos exercícios, disse Figueiredo, serão realizados atendimentos médico-odontológicos, com a distribuição de medicamentos às comunidades carentes das áreas onde ocorrerão os exercí-



AMOSTRA Durante a operação Princesa dos Pampas a Força Aérea mostrou uma parcela de seu poder

cios. A operação teve os custos avaliados em R\$ 1,1 milhão.

Os exercícios foram divididos em três fases. A primeira, de deslocamento de apoio logístico, foi iniciada ontem e vai até o final do mês. A segunda, de concentração de tropas, inicia-se no dia 1º de novembro e vai até o dia 5. A última, que deverá durar dez dias, é a de execução da operação, se inicia amanhã e está prevista para encerrar-se no dia 22 de novembro.

Os homens, que estarão divididos em duas frentes, vão simular uma guerra. Um grupo, formado por 1,5 mil militares do Amazonas, vão compor a força de defesa. Eles estarão com a bandeira azul. A outra é o partido vermelho ou força opositora, composta por homens que chegaram das brigadas do Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso e Pernambuco.

Para o comandante do CMA, general Figueiredo, a estratégia da

resistência é o modo como o Brasil poderá se defender caso, de fato, haja uma invasão ou um confronto com grandes potências.

Segundo ele, os militares teriam nas mãos o trunfo de conhecer bem a selva e poder atacar no momento certo, surpreendendo os invasores. Ele informou que a estratégia escolhida é baseada nos últimos acontecimentos mundiais, como a invasão do Iraque.

A operação é uma homenagem ao nome do chefe da tribo dos índios Manaós, Ajuricaba, que resistiu às invasões portuguesas, e também à Batalha dos Guararapes, em 1648, em Pernambuco, quando negros e índios expulsaram invasores holandeses.

ESCLARECIMENTO

O Centro de Comunicação da Aeronáutica (Cecomsaer) enviou nota ontem à redação de A

CRÍTICA afirmando que a "Operação Princesa dos Pampas" não foi desorganizada e nem cheia de desencontros de informações.

Segundo a nota, tudo o que aconteceu foi consequência do mau tempo daquela região, que impediu que o bombardeio da pista do Caparro, localizado na serra, no município de São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus), fosse realizado terça-feira, como estava agendado.

Conforme o texto, a comunicação estava sob a responsabilidade da Força Aérea Brasileira (FAB) e o apoio logístico com a Polícia Federal. "A operação foi um sucesso. Os caças saíram de Manaus na hora certa. O problema foi o tempo que não colaborou muito", afirma a nota. "Outro problema é que naquela localidade, os rádios e os telefones não funcionam a contento", acrescenta a nota.

Luiz Vasconcelos